

ESPAÇO ABERTO  
SILVIO MARCHINI

# A difícil missão do legítimo ecoturismo

A Organização Educacional, Científica e Cultural das Nações Unidas (Unesco) declarou 2002 o Ano Internacional do Ecoturismo com o objetivo de promover essa modalidade de turismo considerada ecológica, social e politicamente correta. Nem precisava tanto. Em um mundo cada vez mais urbanizado e preocupado com a questão ambiental, tudo que leve o radical "eco" em seu nome é bem-vindo. No turismo não é diferente.

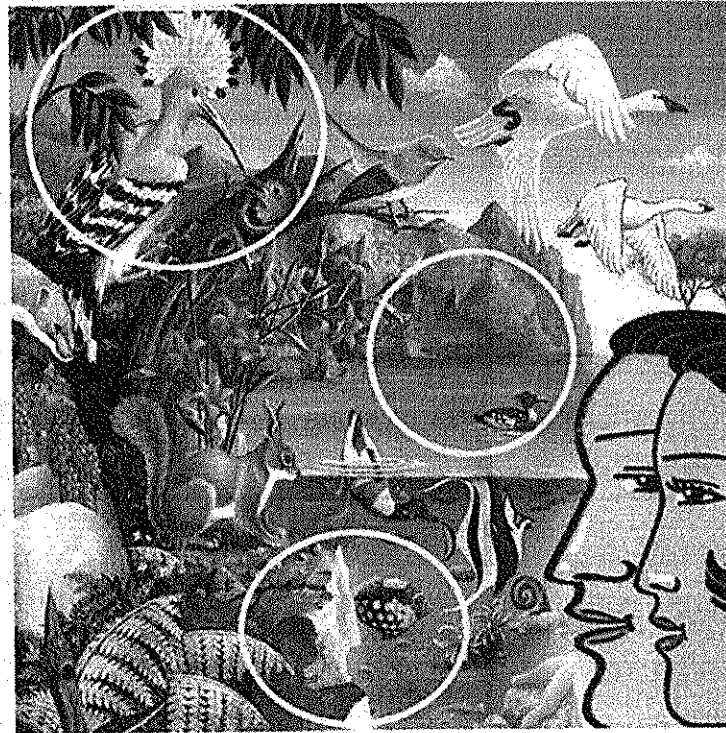
Enquanto o setor convencional cresce 7,5% ao ano, o ecoturismo cresce mais de 20%. E, se depender da Unesco, cachoeiras, montanhas, cavernas e florestas serão mais procuradas em 2002 do que nunca. Mas, afinal, o que há de tão especial sobre o ecoturismo?

Definido como "um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambiental promovendo o bem-estar das populações envolvidas", o ecoturismo faz das boas intenções o seu diferencial. Ao

contrário do turista convencional, que, por exemplo, vai a Miami fazer compras ou a Paris ver museus, o ecoturista, por definição, estaria fazendo o bem para a natureza e para a sociedade. Só no Brasil, em 2001, meio milhão de pessoas gastaram R\$ 500 milhões fazendo rappel em cachoeiras, mergulhando, descendo corredeiras, observando pássaros, caminhando por trilhas, explorando cavernas e hospedando-se em ecoresorts e refúgios ecológicos. Muitas daquelas pessoas realmente acreditavam estar contribuindo para a conservação do meio ambiente e melhoria na qualidade de vida das populações locais envolvidas.

Porém, muitas vezes é difícil demonstrar que alguém possa contribuir mais para a conservação do meio ambiente fazendo ecoturismo do que simplesmente ficando em casa. Do mesmo modo, nem sempre é possível demonstrar que a "promoção do bem-estar das populações envolvidas" vai além do aumento da conta bancária de proprietários de meios de hospedagem e gran-

des operadoras e agências de viagens. De fato, ao levantar a bandeira das causas ambiental e social, o ecoturismo assume um compromisso nem sempre fácil de ser cumprido e expõe-se ao risco da propaganda enganosa. Para evitar enganos, é preciso classificar as diversas atividades atualmente chamadas de ecoturismo para que o conceito original não perca seu valor.



escalada, rafting, exploração de cavernas; e, finalmente, de ecoturismo aquele cuidadosamente planejado para promover a conservação do meio ambiente, a formação da consciência ambiental, o respeito entre as culturas e o desenvolvimento social e político das populações locais.

Ironicamente, esta última é a mais difícil de ser encontrada. Tipicamente, o ecoturismo legítimo existe na forma de projetos experimentais, encaixados em esquemas maiores de conservação ou de desenvolvimento sustentável e conduzidos por organizações, governamentais ou não, que os financiam e subsidiam. A viabilidade econômica de tais empreendimentos, diga-se, ainda é matéria de especulação.

O atual sucesso do ecoturismo demonstra, pelo menos, que paisagens naturais preservadas podem render dinheiro. Mas, por enquanto, os seus feitos não são proporcionais ao entusiasmo com que ele tem sido defendido por ONGs, promovido pela mídia e vendido por agências. Em suma, o ecoturismo ainda está menos para "benfeitor do planeta", como a Unesco o define, do que para uma poderosa estratégia de marketing e atraente oportunidade de negócios.

Assim, deveríamos chamar de turismo de natureza aquele que explora a beleza da paisagem natural, como contemplar as Cataratas do Iguaçu; de turismo de vida selvagem aquele que explora os recursos da fauna, como a observação de pássaros no Pantanal; de turismo de aventura aquele que consiste em atividades físicas envolvendo algum risco e feitas em paisagens naturais, como

■ *Silvio Marchini é biólogo*